

LEITURA INTERDISCIPLINAR E ESTUDOS CULTURAIS

Carlos Magno Gomes (UFS)¹

O debate em torno de novas propostas para o ensino de literatura tem nos motivado a experimentar diferentes metodologias de ensino de literatura nos cursos de Letras e de Pedagogia. Em diferentes livros didáticos e manuais de ensino, identificamos o estudo historiográfico como a única prática pedagógica adotada para o ensino de literatura. Partindo dessa constatação, este artigo traz algumas reflexões sobre um método interdisciplinar de ensino de literatura a partir das contribuições dos estudos culturais. Para romper com os estudos cronológicos, esta proposta de leitura dá destaque ao leitor, pois pensamos em desenvolver uma discussão em torno da leitura como um processo de formação da cidadania.

Na perspectiva dos estudos culturais, o ensino de literatura se torna eficiente quando passa a ser uma prática inclusiva e de aceitação da diferença e da diversidade nas representações culturais e literárias. Nesta proposta, tanto a memória cultural como a recepção do leitor crítico são abordados como partes do processo de leitura. O leitor passa a ser um co-autor quando aplica às representações literárias as novas abordagens de pertencimento das identidades pós-modernas. O pertencimento é um dos conceitos que perpassam as reflexões sobre identidade e inclusão, pois “a ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia” (BAUMAN, 2005, p. 26).

A leitura literária como uma prática social possibilita uma pedagogia da inclusão em que o estético e o social não são separados. Esta metodologia convida o aluno a se colocar coletivamente no ato de ler. Com isso, a leitura aproxima o leitor da produção cultural de diferentes épocas, “podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e agudização do poder de crítica por parte do público leitor” (ZILBERMAN e SILVA, 2005, p. 112-3). Assim, propomos uma leitura interdisciplinar que visa a interpretações ideológicas em que os espaços vazios do texto também são usados como opções estéticas.

Para melhor nos situarmos, inicialmente, vamos fazer uma pequena exposição preliminar sobre conceitos de leitor e de identidade. No segundo momento deste trabalho, damos destaque a questões de gênero na leitura do conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti. Esse conto dialoga com a tradição patriarcal. Como se trata de uma revisão, ele pode ser lido por uma perspectiva paródica em que velhos conceitos de identidade são deixados para trás. Nosso principal objetivo é explorar a desconstrução do universo patriarcal a partir das opções estéticas do conto.

Por esse viés, sabemos que o ensino de literatura pode se tornar um espaço de reflexão social capaz de desenvolver uma consciência crítica do leitor. No processo interdisciplinar, o leitor precisa fazer diversas inter-relações entre: o texto e a sociedade, o presente e o passado, o imaginário individual e o coletivo. A partir da exploração dessas diversas polaridades, valorizamos a forma como a crítica ao sistema opressor é construída nas relações ficcionais para que possamos traduzi-la para experiências atuais.

O debate em torno da leitura interdisciplinar pede uma postura politizada por parte do leitor. Mas, antes de ser politizado, o leitor deve ser capaz de entender as especificidades do texto literário. Para esse tipo de ensino que prioriza a questão de “como” os elementos culturais estão representados, o conceito de “leitor modelo” torna-se fundamental, pois o texto necessita de uma leitura que interprete os significados estéticos como sociais e relacione o texto lido a suas heranças culturais. Tais heranças são fundamentais para que o leitor explore uma perspectiva comparativa entre o texto lido e o passado cultural, já que “cada obra cultural é a visão de um momento, e devemos justapor essa visão às várias revisões que ela gerou” (SAID, 1995, p. 105).

Tal leitor também pode analisar como as identidades estão representadas e que significados elas carregam no jogo ficcional. Assim, estamos falando de um leitor politizado, de um leitor que é consequência de uma pedagogia inclusiva. Para Eco, o “leitor modelo” vai além do que “foi narrado no texto” para valorizar “como foi narrado o texto” (2003, p. 208). Para nós, o “leitor cultural” analisa como a identidade das personagens foi representada esteticamente no texto selecionado, levando em conta questões de gênero, de classe, de raça, ou de opção sexual. Especificamente, nesta proposta, a leitura parte da necessidade de se incluir questões de gênero na leitura estética do conto selecionado.

¹Prof. Adjunto de Literaturas de língua portuguesa do Campus de Itabaiana e do Mestrado em Letras da UFS. Editor do periódico *Interdisciplinar*. Organizador do livro *Língua e literatura: propostas de ensino*, em 2009, pela Ed da UFS.

Metodologicamente, o leitor vai incluindo/excluindo posições de pertencimento identitário para chegar a um ponto de referência central do texto. Ele parte da análise do roteiro de opções estéticas para identificar a camada ideológica explorada pelo autor. Em diálogo com a proposta de Eco, vamos privilegiar o ato de ler como um exercício de comparações artísticas e culturais.

Assim, além da questão ideológica, a leitura interdisciplinar demanda um leitor atento aos artifícios do jogo narrativo para melhor desfrutar do banquete de citações sociais e culturais que todo texto literário traz. Quando o leitor vai executando sua leitura, o que está sendo lido pode ser interpretado a partir dos códigos culturais e artísticos que foram usados para a construção da narrativa. Dessa forma, a questão da identidade pode ser explorada como um jogo, visto que ela é “construída multiplamente ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas” (HALL, 2000, p. 108).

Esta proposta pede um leitor atento aos mecanismos para uma leitura, pois na sua travessia, não só o leitor tem vez, mas o autor e o próprio texto, já que se trata de um pacto coletivo e social, pois o texto traz sempre as heranças de uma coletividade. Nessa dinâmica, “participam, em papéis, e perspectivas diferentes, todos os que, em dados contextos, interagem com o texto literário” (LAJOLO, 2005, p. 92). Dessa forma, o texto literário é antes de qualquer leitura, um espaço plural, um espaço de confronto de linguagens e de memórias.

Como destacado antes, a leitura interdisciplinar não está preocupada apenas com questões sociais, ela prioriza a análise do “como” o texto foi elaborado. Assim, nossa proposta parte de uma “reflexão sobre o ato concreto de leitura” em que “a leitura literária pode converter-se numa prática de instauração de significados” (LAJOLO, 2005, p. 96-7).

Partindo dessas reflexões, reconhecemos a “política das identidades” (HALL, 1999) como ponto de partida para o leitor desenvolver sua capacidade de inclusão e de aceitação da diferença. A “política das identidades” prega o reconhecimento dos diferentes pertencimentos do sujeito moderno, seja por questões referentes ao gênero, à classe, à orientação sexual, à raça ou à etnia. Nesse sentido, a leitura interdisciplinar traz para o ensino de literatura os problemas culturais atuais, como a questão da alteridade.

No campo metodológico, sabemos que o problema não é tão simples, pois a leitura interdisciplinar apresenta “articulações” e “contradições” que podem ser exploradas para o aprimoramento da técnica (cf. ZILBERMAN e SILVA, 2005, p. 16). Tal foco interdisciplinar reconhece a multiplicidade de discursos que o texto literário apresenta. Entender os conflitos desses discursos é o papel do leitor que usa os estudos culturais como base para suas reflexões acerca do pertencimento identitário.

Com a aplicação de conceitos referentes ao leitor e à leitura, propomos um método de ensino de literatura que valorize a experiência do leitor como cidadão. O leitor precisa desenvolver uma consciência crítica que reconheça as fronteiras identitárias e passe a produzir o saber de um lugar atual. Ele deve deixar para trás as velhas performances preconceituosas de identificação social para legitimar a diferença como prática de aprendizagem contínua. Assim, o lugar da leitura é um espaço para formação de cidadãos conscientes da diferença como uma possibilidade cultural de relacionamento.

Os estudos culturais nos dão base para o questionamento da identidade e, sobretudo, para incluirmos a alteridade como uma necessidade para o leitor se situar no espaço. Todo pertencimento identitário sugere uma exclusão, pois se trata de uma opção pessoal ou coletiva. O leitor precisa também estar atento ao reconhecimento das outras vozes sociais presentes no texto, tanto as explícitas como as negadas. Uma das propostas é seguir a perspectiva de que a identidade está sempre em movimento (cf. HALL, 1999).

Tais movimentos, por exemplo, fazem parte do projeto ideológico de identidades coletivas como propostas pelas feministas, pelos gays ou pelos negros entre tantas outras. Isso quer dizer, que as identidades não são fixas, elas se movimentam conforme os interesses desses grupos em diferentes contextos históricos e sociais.

Para a sociologia atual, a identidade unificada e coerente passou a ser uma fantasia, já que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam e exigem do sujeito o confronto com a multiplicidade desconcertante de identidades possíveis, com as quais pode se identificar, apesar de temporariamente (cf. HALL, 2000, p. 108).

Nesse sentido, é indispensável reconhecer que a identidade descentrada é fruto de uma repetição, de uma performance corporal. Ela não é dada, nem brota biologicamente do ser. Pelo contrário, ela é consequência de um longo processo de identificação e de escolha que envolve rejeição e aceitação. Esse

processo de “pertencimento” identitário (BAUMAN, 2005) deve ser explorado pelo leitor crítico que tanto retoma questões ideológicas do contexto original da obra como de sua recepção atual.

Assim, cabe ao leitor fazer uma releitura dessas representações a partir da intersecção entre o estético e o político, uma vez que a literatura é polissêmica e nunca é simplesmente mimética e transparente. Na esteira de uma leitura interdisciplinar, fugir do binarismo tradicional é reconhecer o fato de que qualquer identidade é uma construção feita por meio das diferenças e de significações suplementares (cf. HALL, 2000, p. 108-10). Assim, é importante reconhecer que a identidade é uma construção e um resultado de um ato de naturalização.

Da contribuição dos estudos feministas, nos interessa a postura de questionamento da identidade patriarcal. Daí a importância dos estudos de gênero como uma contribuição para os avanços teóricos em torno das identidades de gênero. Pertencer a uma identidade é tão diversificado quanto a cultura e o contexto social nos quais os indivíduos circulam. Nesse sentido, a identidade de gênero vai além dos limites dicotômicos, pois “o gênero pode ser entendido somente através de um exame detalhado dos significados de ‘masculino’ e ‘feminino’ e das consequências de ser atribuído a um ou outro gênero dentro de práticas concretas” (FLAX, 1992, p. 230).

Como neste artigo estamos trabalhando com uma proposta de leitura interdisciplinar pelo viés dos estudos de gênero, as opções estéticas podem ser vistas como um lugar de resistência ao patriarcado. Nesse sentido, parte-se da premissa que as relações de gênero são construções culturais e que “devemos ser capazes de investigar barreiras tanto sociais quanto filosóficas para a compreensão das relações de gênero” (FLAX, 1992, p. 236). Por isso, tanto o estético quanto o social devem ser colocados em tensão quando realizamos uma leitura interdisciplinar para valorizar questões de gênero.

O conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, foi publicado na coletânea infanto-juvenil *Doze reis e a moça no labirinto do vento* (1982). Suas opções estéticas mostram uma “desnaturalização” da família patriarcal, quando descreve uma mulher encantada que questiona o universo masculino. Dentro da tradição literária, ele pode ser lido como uma versão paródica dos contos de fadas. Consideramos o texto paródico das representações tradicionais da família quando a escritora “desenvolve um ritmo estético de zombaria do sistema patriarcal” (GOMES, 2008, p. 71).

No caso desse conto, temos o enfoque em uma tecelã que vive feliz sozinha, mas com a chegada do marido sua vida se torna uma prisão. A protagonista do conto tem poderes especiais para criar tudo a sua volta. Com seu tear, sua arte, ela constrói um mundo particular repleto de delicadeza e sensibilidade: “bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza” (p. 44)².

A ideia de paródia pode ser identificada na atmosfera da narrativa. Na forma como ela tece o céu, o vento, a chuva, há uma alusão à origem do mundo. Ela vivia sozinha e tudo que a cercava era tecido por ela. Isso determina que seu pertencimento é comandado pela própria tecelã, uma mulher livre. Tecer é controlar e reger seu pertencimento.

Depois de muitos dias felizes e à frente de tudo, ela passa a se sentir solitária: “ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou seria bom ter um marido ao lado” (p. 44). Com esse jogo, entre ter e não ter um marido, esse texto traz o privilégio de deixar todas as possibilidades de construção da identidade feminina no campo da subjetividade. Para Stuart Hall, as identidades surgem da narrativização do eu, e do processo de pertencimento imaginário, que negocia com nossas rotas, raízes por isso “em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático” (HALL, 2000, p. 109). No campo fantasístico do conto, a construção da identidade feminina testa os velhos fantasmas que assombram a mulher moderna.

A relação entre forma e conteúdo é primorosa em suas opções estéticas. A beleza do conto está no ritmo das frases, no uso das cores claras que nos remetem a um dia iluminado ou no uso das tonalidades que informam a chegada das nuvens, da noite, ou do escurecer. Tais “espessuras dos signos” (ECO, 2003, p. 205) nos possibilitam um olhar para além do texto artístico, uma vez que esses signos nos remetem a uma cadeia de significados religiosos e sociais.

No conto, da alegria ao sentimento de solidão, o tempo é armado como um sensor emocional da tecelã. Cada detalhe da narrativa denuncia uma preocupação estética com o universo feminino. Para o leitor crítico, essa característica passa a ser lida também como um conteúdo social.

² Doravante, usar-se-á o número da página nas citações de “A moça tecelã”, de Marina Colasanti.

Justamente, a partir dessas associações, a leitura interdisciplinar pode ser mais bem explorada. O que é estético passa a ser visto como social e os recursos paródicos como opções ideológicas. Confortar e comparar estética e historicamente passa a ser uma função do leitor crítico. Do título do conto à metáfora da tecelã, percebemos uma estrutura literária polifônica e plurivocal.

Até o surgimento do marido, as opções da tecelã indicavam que se tratava de uma narrativa tradicional, mas o leitor atento aos detalhes, pode notar que não é bem isso que o texto propõe. A forma como o homem assume o comando da casa denuncia um tom irônico da narrativa: “[ela] nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando na sua vida” (p. 45). O detalhe da forma como a porta foi aberta já nos dá resquícios do quanto ele invade o espaço dela.

O narrador também destaca que, em vez de ser companheiro, o homem resolve explorar a capacidade de produção da tecelã: “Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque, descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que poderia lhe dar” (p. 45). Esse homem logo se distanciou do padrão que a tecelã idealizou e sua identificação com o tão desejado marido passa a ser oposta a sua posição inicial. O leitor nota que o conto sofre uma profunda modificação quando o homem passa a explorar a mulher.

Tal opção de descrever o companheiro autoritário à frente do comando mostra-nos uma crítica aos valores patriarcais, pois até o momento a mulher estava à frente das ações e era feliz. Por apontar sua consciência paródica, esse conto opõe-se a ser uma simples repetição, agindo como um contra-estilo e, por isso, paródico, pois ele “foge ao jogo de espelhos denunciando o próprio jogo e deslocando as coisas fora do seu lugar ‘certo’” (SANT’ANNA, 2001, p. 29). A norma foi quebrada, com o ruído anunciado.

Para amarrar as diversas posições de leitura com uma questão de gênero, partimos da ideia que toda leitura é um espaço de reflexão sobre a identidade de gênero, pois o espaço artístico pode ser analisado como “um *locus* de reprodução de gênero” (LAURETIS, 1994, p. 225). Ora, a própria maneira da narrativa privilegiar a focalização interna na personagem feminina sugere que questões de gênero foram usadas como estruturantes do texto. Assim, o leitor precisa identificar tais sutilezas da construção textual para produzir sua leitura crítica. O espaço feminino, até então descrito como perfeito, com a chegada do marido, começa a ser descrito sem harmonia para a mulher.

Com essa realidade, a mulher passa a rejeitar aquele universo que o marido lhe imponha: “Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços” (p. 45). Ela vai se decepcionando cada vez mais com o marido e “pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo” (p. 45).

No processo paródico apontado até aqui, o jogo com a desconstrução do marido é mais agressivo e fica longe da sensibilidade presente nas primeiras linhas do texto: “Desta vez não precisou escolher linha nenhuma” (p. 45). Depois de muito pensar sobre sua condição de oprimida, a mulher resolve eliminar o marido que “não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas” (p. 45-6). Com esse jogo, o leitor pode perceber o tom de desconstrução que atravessa a narrativa, nem esperou que o homem ficasse de pé, a mulher estava determinada para reconstruir sua vida e tomar a dianteira na escolha de suas opções.

Destacamos a importância do gênero textual como uma pista para esta leitura, já que o trabalho com o texto deve partir de como o gênero é trabalhado, pois a adequação do leitor depende da “inteligibilidade do material” e da “maturidade e disponibilidade do sujeito” (ZILBERMAN e SILVA, 2005, p. 113). Assim, nesta proposta, o “como” o texto foi feito (ECO, 2003) é tão importante quanto a formação cultural e ideológica do leitor para executar a leitura interdisciplinar.

Observamos que o pertencimento identitário da protagonista não é completo, pois parece que sempre fica faltando algo. Ela está em busca do melhor para si. Esse pertencimento é um processo de articulação e de sobredeterminação do que há demasiado ou do que há muito pouco em sua identidade. Esse parâmetro é importante, pois nunca há um ajuste completo ou uma totalidade de uma identidade (cf. HALL, 2000, p. 106).

Quanto às questões de gênero, o conto se coloca como um espaço crítico que reconhece a identidade de “gênero, como representação e como auto-representação”, por isso não pode ser mais vista de forma fixa. Essa identidade “é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana” (LAURETIS, 1994, p. 208). A protagonista tem um final que se opõe ao dos contos de fada.

Concluindo, podemos destacar que o leitor crítico, se seguir a proposta do descentramento de gênero, está se estimulando a tolerar e interpretar a ambivalência e a subjetividade que fazem parte das identidades masculinas e femininas, visto que não há força ou realidade fora das relações sociais e atividades que livre o homem ou a mulher de parcialidade e diferenças (cf. FLAX, 1992, p. 249).

Com isso, enfatizamos que o leitor crítico deve reconhecer que a liberdade de um termina quando os direitos do outro entram em jogo. Assim, aprender a ouvir a voz do outro é fundamental como exercício de cidadania. Dessa forma, a questão da alteridade passa pelo reconhecer a voz do outro e deve ser um exercício de educação e ética permanente que não pode ficar de fora de uma leitura politizada.

Além disso, podemos perceber que a personagem feminina se projeta fora do espaço tradicional e aponta a subjetividade da arte como um espaço de questionamento do androcentrismo. Como nos ensinam os críticos culturais, optamos nesta metodologia por “vincular as estruturas de uma narrativa às ideias, conceitos e experiências em que ela se apoia” (SAID, 1995, p. 105).

Assim, nossa proposta de leitura interdisciplinar pretende deixar bem mais interessantes as aulas de literatura a partir do que fica nas margens do texto, pois o texto remete o leitor para fora da estrutura narrativa. Esse convite só se torna interessante se o leitor estiver a fim de investigar “os perfumes de outros textos que precedem aquela tradição” (ECO, 2003, p. 218). No conto, os textos culturais possibilitam essas diversas leituras.

Com a inclusão do tema do pertencimento identitário, o professor pode ter aulas mais participativas, nas quais o leitor crítico vai aos poucos percebendo que o texto literário traz diferentes abordagens dos problemas sociais que devem ser historicamente situados, mas que, principalmente, devem ser comparados e problematizados com a situação do leitor atual. Com isso, pensamos em uma educação inclusiva e preservadora dos direitos humanos sempre.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- COLASANTI, Marina. A moça tecelã. In LADEIRA, Julieta de Godoy. *Contos brasileiros contemporâneos*. São Paulo: Moderna, 1994.
- ECO, Umberto. Ironia intertextual e níveis de leitura. In ECO, Umberto. *Sobre literatura*. 2ª. ed. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.) *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- GOMES, Carlos Magno. A identidade de gênero na ficção da escritora brasileira. In SILVA, Antonio de Pádua Dias. *Identidades de gênero: práticas discursivas*. Campina Grande: EDUEPB, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LAJOLO, Marisa. Leitura-literatura : mais do que uma rima, menos do que uma solução. In ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2005.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses - O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Tradução Denise Bottamn, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 2000.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs). *Leitura – perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2005.